



SUPERINTENDÊNCIA  
DA ZONA FRANCA DE MANAUS

[www.suframa.gov.br](http://www.suframa.gov.br)

# Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição 6 **matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, segunda-feira, 5 de novembro de 2012

|   |    |
|---|----|
| <b>DIÁRIO DO AMAZONAS</b><br>Empregos na indústria têm 2º pior saldo em seis anos.....        | 1  |
| VEICULAÇÃO LOCAL  |    |
| <b>O ESTADO DE SÃO PAULO</b><br>Amazônia ganhará 15 novas usinas.....                         | 5  |
| VEICULAÇÃO NACIONAL   |    |
| <b>REVISTA EXAME</b><br>Indústria dá sinais claríssimos de recuperação, diz Pimentel.....     | 7  |
| VEICULAÇÃO NACIONAL   |    |
| <b>PORTO GENTE</b><br>Governo prepara proposta para alterar sistema de cobrança de ICMS ..... | 8  |
| VEICULAÇÃO NACIONAL   |    |
| <b>BRASIL ECONÔMICO</b><br>Crise mundial dura mais cinco anos.....                            | 9  |
| VEICULAÇÃO NACIONAL   |    |
| <b>BRASIL ECONÔMICO</b><br>Servidores federais podem ficar sem reajuste .....                 | 11 |
| VEICULAÇÃO NACIONAL   |    |

|  |   |                     |
|--|---|---------------------|
|  | VEÍCULO<br><b>DIÁRIO DO <u>AMAZONAS</u></b>                           | EDITORIA            |
|  | TÍTULO<br><b>Empregos na indústria têm 2º pior saldo em seis anos</b> |                     |
| ORIGEM<br>INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO                           | ENFOQUE<br>DE INTERESSE   | VEICULAÇÃO<br>LOCAL |

### **Fabricantes de Manaus, em má fase, reduzem postos de trabalho em 2012**

**Manaus** - Reflexo do 'mau-tempo' vivido pela indústria, o saldo de empregos no Polo Industrial de **Manaus (PIM)** em 2012 é negativo e só não é pior que o de 2009, após o **estoPIM** da crise econômica mundial. Considerado perdido pelas entidades locais, este ano já contabiliza a perda de 4 mil postos de trabalho.

Nos últimos seis anos, inclusive, os desempenhos registrados em 2009 e 2012 são os dois únicos saldos negativos no emprego, conforme dados da **Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa)**. Em 2009, o setor fechou com uma perda de 5.834 empregos. Em 2012, de janeiro a agosto, já são 4.288 funcionários a menos. Se as demissões mantiverem o ritmo atual, o ano deve se encerrar com o pior desempenho neste período. Até agosto, o **Amazonas** atingiu 94,17% das demissões totalizadas em 2009.

Os fabricantes de Duas Rodas contabilizam os piores índices. A evolução da mão de obra do segmento, até agosto, representa 34,94% do que foi registrado em igual período de 2011. Pesa, neste caso, o fato da Moto Honda, maior fabricante de motocicletas do País e uma das maiores empregadoras do polo industrial local, liderar o ranking de demissões no ano.

De acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos do **Amazonas** (Sindimetal/AM), mais de 1,17 mil pessoas foram demitidas da maior fabricante de motos do **PIM** de janeiro a setembro desse ano. A empresa japonesa também é a que mais demitiu nos últimos quatro anos, totalizando 3,95 mil empregados.

"Temos vivido com o ônus do **mercado**", disse o presidente do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Materiais Eletrônicos de **Manaus** (Sinmen), Athaydes Mariano Félix, que ressalta, ainda, o reflexo que o setor sente da crise na Europa. Para ele, a situação ainda é difícil, mas já está normalizando. "O que acontece com a Honda é que todo mês tem entrado e saído muita gente. Eles têm uma rotatividade de 10% todo mês, o que é normal em função dos cerca de 10 mil funcionários", explicou.

### **Vendas em baixa**

Situação 'não harmônica do desemprego, nas palavras do presidente do Sinmen, Mariano Félix, é reflexo das baixas vendas e **produção** diante da dificuldade de financiamento pela qual passa o segmento de Duas Rodas no **mercado** brasileiro, como um todo.

A Yamaha, outra gigante do **mercado** de motocicletas, aparece em terceiro no ranking de empresas que mais demitiram de 2009 a 2012. Dos 2.198 demitidos, 489 perderam o emprego até setembro desse ano.

Para evitar demissões, empresas adotaram diferentes estratégias, de acordo com o executivo das indústrias metalúrgicas, mecânicas e de materiais eletrônicos. Muitas companhias deram férias coletivas, licença remunerada de 15 a 30 dias e utilizaram bancos de horas para evitar as dispensas – mesmo com a redução de 25% da capacidade produtiva. Aproximadamente 20 mil funcionários tiraram férias em junho e julho, o que representa 80% do setor que emprega 25 mil pessoas em **Manaus**.

### **Fabricantes perdem vendas e **produção** cai**

Com alto índice de desemprego, a exemplo do segmento de Duas Rodas, as fabricantes de eletroeletrônicos do **Amazonas** também estão entre as que mais demitiram.

A LG Eletronics é a segunda empresa com maior número de demissões. Foram 2.344 demitidos nos últimos quatro anos, segundo o Sindimetal/AM, sendo 716 apenas em 2012. Outras grandes do ramo, como Samsung e Semp Toshiba, aparecem com 1,3 mil demissões, cada.

O presidente do Sindicato da Indústria de Aparelhos Elétricos, Eletrônicos e Similares de **Manaus** (Sinaees), Celso Piacentini, explica que o Polo Industrial contrata muito mais que demite, mas considera natural que "alguns" sejam dispensados em uma grande empresa. Para o executivo, o Polo Eletroeletrônico, apesar das perdas, mantém os postos de trabalho e, reforça, parte **importante** dos contratos é temporária. "A sazonalidade precisa ser respeitada", disse.

### **Perdas**

O faturamento, a **produção** e a mão de obra empregada devem cair de 7% a 10% em 2012, avalia o

vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do **Amazonas (Fieam)**, Nelson Azevedo. “O ano de 2009 foi muito ruim, enquanto em 2010 e 2011 estourou tudo em termos de índices positivos. Os números ficaram lá em cima. Mas, nesse ano, não devemos alcançar os números do ano passado”, explicou Azevedo, referindo-se ao faturamento histórico alcançando no ano passado - de US\$ 41,24 bilhões.

O executivo destaca que os altos índices de dispensa refletem o cenário econômico vivido pela indústria. “Todos os setores sentiram o efeito da crise. As vendas caíram e, se não

vende, não tem dinheiro pra produzir, nem para comprar matéria-prima, e por aí vai a cadeia (produtiva)”, disse Nelson Azevedo.

Para o **Superintendente** da **Zona Franca** de **Manaus**, **Thomaz Nogueira**, a indústria está retomando os empregos que foram perdidos devido à sazonalidade. Nogueira considera que as empresas do Polo Industrial têm boa taxa de natalidade e rendimento. “Estamos em crescimento enquanto o mundo está em crise”, ressaltou.

|  |   |                        |  |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO<br>O ESTADO DE SÃO PAULO                  | EDITORIA               |  |
|  | TÍTULO<br><b>Amazônia ganhará 15 novas usinas</b> |                        |  |
| ORIGEM<br>INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO                           | ENFOQUE<br>DE INTERESSE                           | VEICULAÇÃO<br>NACIONAL |  |

**Economia ou ecologia: Demanda até 2015 exige 30 novas hidrelétricas em todo o Brasil**

**Cleide Carvalho**

**O GLOBO**

Polêmica. Hidrelétrica de Itaipu: defensores argumentam que a energia é limpa, mas é impossível fazer uma usina sem danos ao meio ambiente

A oferta de energia elétrica no país tem de crescer 42.600 megawatts (MW) nos próximos dez anos, e o Brasil vai pôr em operação entre três e quatro usinas hidrelétricas por ano para atender à demanda. A Empresa de Pesquisa Energética (EPE) já planejou a entrada em operação de 34 novas usinas hidrelétricas até 2021, sendo 15 delas na Amazônia Legal. Para Maurício Tolmasquim, presidente da EPE, ampliar a oferta de energia hidrelétrica é condição básica para o desenvolvimento econômico, e a instalação de usinas nos rios amazônicos é inevitável.

- Não podemos abrir mão de construir hidrelétricas. Preservar o meio ambiente não é uma decisão excludente. É preciso achar um meio de a hidrelétrica ajudar a preservar - diz Tolmasquim.

A EPE propõe construir hidrelétricas do tipo plataforma, que depois de prontas ficariam isoladas na floresta, acessíveis apenas por helicóptero, inspiradas na extração de petróleo no mar. Tolmasquim reconhece que durante a construção é impossível não abrir estradas, mas ressalta que estas podem ser reflorestadas. A construção de novas hidrelétricas visa a atender ao consumo cada vez maior de energia no país. E o brasileiro ainda consome três vezes menos que o americano.

- A sociedade tem de decidir se ela quer ser abastecida de energia elétrica. E a alternativa às hidrelétricas são usinas térmicas a óleo, gás natural ou carvão. É uma energia muito mais cara, que prejudica mais o meio ambiente - afirma o diretor-executivo da Brasil Hydro, Flavio Miguez de Mello.

O estudo da EPE para 2021 prevê que, à exceção das hidrelétricas, que representarão 12,6% da oferta de energia total no país, a participação das fontes renováveis só crescerá

de 1,4% hoje para 1,6%. Com 2.200 horas de insolação, o Brasil sequer incluiu energia solar no planejamento.

- É preciso quebrar o paradigma de grandes hidrelétricas - diz o professor Paulo Henrique de Mello Sant"Ana, da Universidade Federal do ABC (UFABC), coordenador de um estudo recém-lançado, patrocinado pela WWF-Brasil.

Sant"Ana lembra que a Dinamarca tem 30% de sua energia gerada pelos ventos e que a Alemanha, com muito menos sol que o Brasil, só perde para China e EUA em energia solar:

- No lugar de expandir a oferta, temos de aprender a gerenciar a demanda. Estamos diante de uma revolução energética, e o Brasil não está olhando para a frente.

#### **Linhas de transmissão: ponto frágil**

Dados da Associação Brasileira de Refrigeração, Ar Condicionado, Ventilação e Aquecimento (Abrava) mostram que 8% da energia produzida se destinam apenas ao chuveiro elétrico. Isso corresponde a 15 mil MW no horário de pico, entre 17h e 22h. Segundo a Abrava, cada metro quadrado de coletor solar instalado para aquecer água pode evitar 56 metros quadrados de área inundada por hidrelétricas.

Já no estudo "O Setor Elétrico Brasileiro e a Sustentabilidade no Século 21", patrocinado por cinco ONGs, incluindo o Greenpeace, o consultor em planejamento energético Roberto Kishinami afirma que o país precisa urgentemente planejar o aumento de sua eficiência econômica.

Ele lembra que a eficiência energética dos motores elétricos de uso industrial passou de 39,8% em 1984 para 47,1% em 2004. E diz que um programa reunindo fabricantes de motores e instituições de pesquisa poderia, a curto prazo, trocar equipamentos antigos, reduzindo o custo e a necessidade de uso de energia nas indústrias, que respondem por metade do consumo total.

Além disso, a produção de energia na Amazônia implica mais investimentos em linhas de transmissão. E os problemas nestas têm sido apontados como os principais responsáveis pelos apagões. Só em interligações e para usar

a energia de Belo Monte, Teles Pires e Tapajós estão previstos, no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), investimentos de R\$ 37,4 bilhões.

A distância tende a agravar as perdas do sistema. Segundo a EPE, o índice dessas perdas, hoje em 16,9%, fechará 2021 em 16,1%. No Chile é de 5,6%, e na Argentina, de 9,9%.

O professor da Faculdade de Administração e Economia da Universidade de São Paulo em Ribeirão Preto Eliezer Martins Diniz lembra que as decisões sobre hidrelétricas se baseiam em critérios econômicos. E diz que o **desenvolvimento** econômico e social não pode ser um alvará para atropelar questões ambientais.

|  |   |                        |  |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO<br>REVISTA EXAME  | EDITORIA               |  |
|  | TÍTULO<br><b>Indústria dá sinais claríssimos de recuperação, diz PIMentel</b> |                        |  |
| ORIGEM<br>INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO                           | ENFOQUE<br>DE INTERESSE   | VEICULAÇÃO<br>NACIONAL |  |

**Ainda de acordo com o ministro, “tivemos um crescimento significativo em agosto e vamos ter também em setembro”**

**Pedro Peduzzi, da**

Brasília - As medidas de estímulo à economia estão dando resultado, na opinião do ministro do **Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior**, Fernando Pimentel. Segundo ele, os sinais de recuperação na indústria são “claríssimos”.

“No ano passado e neste ano tivemos dificuldades por causa da crise internacional, mas as medidas tomadas pelo governo já começaram a surtir efeitos. O último trimestre deste ano terá uma taxa de crescimento elevada e, se projetada para os próximos 12 meses, teremos crescimento de 4% ao ano. Vamos crescer no ano que vem mais do que a média mundial, mantendo pleno emprego e inflação sob controle”, disse.

Ainda de acordo com o ministro, “tivemos um crescimento significativo em agosto e vamos ter também em setembro”.

O ministro participou hoje (18) do programa de rádio Bom Dia, Ministro produzido pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República em parceria com a EBC Serviços.

Durante o programa, Pimentel teceu elogios às medidas de incentivo a pequenas e médias empresas. Entre elas, o Programa Empreendedor Individual, lançado em 2009, com o objetivo de formalizar os trabalhadores que atuam por conta própria. Os empreendedores individuais pagam cerca de R\$ 30 por mês à Previdência Social e têm direito a todos os benefícios dos demais trabalhadores, como aposentadoria, auxílio-doença, auxílio-maternidade e paternidade, entre outros.

“O programa de empreendedores individuais foi lançado há cerca de um ano e meio. Já formalizou 2,6 milhões de brasileiros, a uma taxa fixa e módica. Ele dá tranquilidade fiscal [às empresas] a um custo entre R\$ 30 e R\$ 40 por mês. É simplificado e pode ser feito pela internet”, lembrou o ministro.

“[Para ilustrar o programa] gosto de citar o caso de um pipoqueiro que trabalhava próximo à sede da Petrobras [no Rio de Janeiro]. Ele foi informado sobre o programa e se inscreveu. Depois de ser certificado, pôde fornecer pipocas em grande quantidade à empresa, que as jogava nas plataformas para medir a intensidade e a direção das correntes marítimas. Hoje esse pipoqueiro é um grande fornecedor, e seu exemplo mostra o que pode acontecer quando nos formalizamos”, disse.



|   |                         |                        |
|---|-------------------------|------------------------|
| VEÍCULO<br>PORTO GENTE  | EDITORIA                |                        |
| TÍTULO<br><b>Governo prepara proposta para alterar sistema de cobrança de <u>ICMS</u></b> |                         |                        |
| ORIGEM<br>INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO                                    | ENFOQUE<br>DE INTERESSE | VEICULAÇÃO<br>NACIONAL |

**Fernando Pimentel, ministro do Desenvolvimento, afirmou que o governo prepara uma proposta para alterar o sistema de cobrança de ICMS. O objetivo é pôr fim à guerra fiscal entre os Estados.**

Ainda não há previsão de quando a medida será anunciada oficialmente. Formulada pelo Ministério da Fazenda, a medida integra o novo pacote de ações de estímulo à indústria, que deve ser anunciado pelo governo no

primeiro trimestre do próximo ano. Ele será o terceiro conjunto de medidas lançadas pelo governo desde agosto de 2011.

De acordo com Pimentel, as novas regras levarão em conta os incentivos fiscais, relativos à redução de ICMS, já concedidos às empresas nos diferentes Estados, um pedido já feito pelos empresários.

Fonte: Guia Marítimo

|  |   |                        |  |
|--|---|------------------------|--|
|  | VEÍCULO<br><b>BRASIL ECONÔMICO</b>                  | EDITORIA               |  |
|  | TÍTULO<br><b>Crise mundial dura mais cinco anos</b> |                        |  |
| ORIGEM<br>INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO                           | ENFOQUE<br>DE INTERESSE                             | VEICULAÇÃO<br>NACIONAL |  |

**Considerado um guru dos investidores, John Mauldin diz ao Brasil ECONÔMICO que economia global só voltará a crescer com fim do déficit dos EUA**

**Guru dos investidores globais diz que crise dura mais 5 anos**

**Americano John Mauldin recomenda diversificação para tentar preservar o patrimônio**

**Natália Flach**

A volatilidade dos mercados atualmente não passa de uma marolinha perto do tsunami que está prestes a acontecer. A opinião é do renomado especialista americano John Mauldin, autor de diversos best sellers e da newsletter semanal Thoughts from the Frontline. “A questão crítica desta década é o déficit público americano. Até que se chegue a uma solução, os mercados vão subir e descer bastante. Aí, sim, vive-remos uma crise econômica”, disse, em entrevista exclusiva ao Brasil ECONÔMICO, após cumprir uma bateria de compromissos — que incluía dar palestra para os associados do Chartered Financial Analyst (CFA) em São Paulo. Aos 63 anos, o presidente da Millennium Wave Advisors diz que, neste cenário, a palavra de ordem é diversificação. E, também, que a era dos ganhos gordos, líquidos e certos ficou para trás. “Não é hora de tentar ser melhor do que todo mundo no mercado e ter ganhos maravilhosos. Se o investidor conseguir rentabilidade acima de zero, já será mais do que bom.” Mauldin acredita que Mitt Romney vai ganhar as eleições nos Estados Unidos. “Não achava isso até assistir ao primeiro debate. Mas isso não significa que ele seja a minha primeira escolha”, esclarece. Para ele, quem quer que seja o presidente vai ter de lidar com a questão do déficit americano, cujo grande vilão é a assistência médica. “Acho que a saída para esse problema é deixar os estados decidirem quanto do orçamento vão direcionar para isso. Uma decisão local”. Mauldin prevê que os Estados Unidos vão ter de resolver essa questão nos próximos cinco anos. A Suíça e o Canadá já passaram pela mesma situação nos anos 1990. “Foram dois ou três anos muito difíceis para esses países. Eles passaram por uma depressão, mas resolveram. Por isso, nos próximos cinco anos, vamos ver os mercados mais voláteis e os índices de desemprego ainda maiores. Se você acha que

estamos em crise, não viu nada ainda do que está por vir.” O especialista acha que é grande a possibilidade de a Grécia sair da União Europeia. “É o único país que eu vejo fora da Zona do Euro. De qualquer forma, a Europa têm duas alternativas: o desastre de se desfazer a comunidade ou o desastre de manter todos os países juntos. Seja como for, vai ser um desastre e serão gastos múltiplos trilhões de dólares e não poucos trilhões, como tem se falado”, prevê. Para ele, como resultado: o euro vai ter paridade com dólar — preço a ser pa-go por terem feito a união monetária sem fazer, ao mesmo tempo, união fiscal. “Acho que os países vão arranjar um jeito de dar calote, seja por meio da inflação, com o Banco Central Europeu comprando papéis da dívida... Isso mostra que os países não podem pegar dinheiro emprestado para sempre.

Infelizmente, todos os países desenvolvidos estão passando por isso ao mesmo tempo e daí essa sensação de crise generalizada”. Nesse cenário, diz, o Brasil, que é um grande exportador, vai ter de redirecionar os seus produtos para países fora da Europa, já que as pessoas vão ter ainda menos dinheiro para gastar. Mas, para realizar seu enorme potencial, será preciso que o país melhore as leis trabalhistas e a infraestrutura, acredita. “Os investidores virão se sentirem que o seu capital é bem-vindo. Não vão, por exemplo, para a Argentina. Eu não tenho dinheiro investido no Brasil, mas não vejo empecilhos para isso.” Para Mauldin, a discussão se a China vai ter um pouso suave ou mais agressivo “é ridícula”. “O país vai enfrentar uma recessão, sim. Mas não podemos nos esquecer que a China vive um milagre econômico jamais visto. Não será o fim do mundo. Re-cessão significa que algo estava desbalanceado.” Nos próximos cinco a sete anos, a palavra chave é diversificação geográfica e de instrumentos. “Meu conselho é investir em tudo: agricultura, fundos long e short, imóveis comerciais, títulos públicos e ouro. Acho que o preço vai cair, mas continuo investindo.” Para ele, o dólar vai subir, principalmente quando os EUA-resolverem o problema do déficit, que é a questão central desta década. “Vamos ter de desligar a economia da tomada, como fazíamos quando o computa-dor travava, e reiniciar.” Mauldin diz ainda que o banco central americano está perdendo a habilidade de

controlar o sistema financeiro, apesar de achar que ainda consegue. “Para mim, só o primeiro quantitative easing (programa de afrouxamento monetário e estímulo ao consumo) foi positivo. O segundo e o terceiro foram uma política ruim.” Na sua opinião, só se pode usar esse instrumento quando o problema for realmente grande. “Mas o Fed (banco central americano) sente que precisa fazer algo, mas deveria ficar

sem fazer nada.” Mauldin não acredita que estejamos vivendo uma guerra cambial, como vem afirmando o ministro, Guido Mantega. “Entendo o que o ministro quer dizer, mas não concordo. Vamos ter essa guerra quando o Japão resolver o déficit dele, no fim desta década.”



|   |                         |                        |
|---|-------------------------|------------------------|
| VEÍCULO<br><b>BRASIL ECONÔMICO</b>                            | EDITORIA                |                        |
| TÍTULO<br><b>Servidores federais podem ficar sem reajuste</b> |                         |                        |
| ORIGEM<br>INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO        | ENFOQUE<br>DE INTERESSE | VEICULAÇÃO<br>NACIONAL |

Sem acordo prévio com o governo, as categorias dos servidores públicos não terão aumentos salariais em 2013. Segundo o relator-geral do Projeto de Lei do Orçamento da União, senador Romero Jucá, na proposta que se desenha no

Congresso as despesas previstas são menores que as deste ano, “é difícil conseguir espaço para reajustes”. Neste ano, as despesas orçamentárias foram fixadas em R\$ 28 bilhões. Para 2013, as mesmas expectativas de gastos caíram para R\$ 22 bilhões.